
ENTREVISTA COM JOSÉ ARBEX JÚNIOR – A COMUNICAÇÃO E A DEMOCRACIA REAL

INTERVIEW WITH JOSÉ ARBEX JÚNIOR – A COMMUNICATION AND REAL DEMOCRACY

Vilso Júnior Chierentin Santi¹

RESUMO: José Arbex Júnior é jornalista e escritor. Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), é também professor de jornalismo na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), e editor especial da revista *Caros Amigos* da editora Casa Amarela. Dentre suas principais contribuições bibliográficas, no campo das comunicação, podemos citar a obra *Showrnlismo – A notícia como espetáculo* (2001), onde ele analisa como a mídia, no mundo contemporâneo, transforma tudo em show: de eleições a catástrofes naturais; de escândalos e histórias do cotidiano a crimes hediondos. Também o livro *O Jornalismo Canalha* (2003), no qual Arbex Jr apresenta alguns casos concretos de relações promíscuas entre mídia e poder, como por exemplo, na cobertura jornalística da invasão do Iraque pelos Estados Unidos. A presente entrevista nos foi concedida durante o *I Acampamento Binacional do Fórum Social Mundial (ABFSM)*, evento realizado de 24 a 29 de janeiro de 2006, no extremo sul do Brasil (na Barra do Chuí, divisa com o Uruguai). No evento, Arbex Jr coordenou os debates do eixo temático *Culturas e Comunicação*. Depois de nadar no arroio Chuí, que divide os dois países, sentado na praça de alimentação saboreando um *Milapanes* (sanduíche uruguaio), Arbex nos apresenta seus argumentos acerca de questões como: a relação entre comunicação e poder, a democratização da mídia e a educação política. Tal contribuição permaneceu inédita até o momento, porém, como as questões que envolvem a comunicação, principalmente aquelas relacionadas ao exercício da democracia real, ainda não perderam sua atualidade, julgamos pertinente compartilhar esse bem humorado diálogo.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação e democracia; Comunicação e poder; Democratização da mídia; Educação política; Processos jornalísticos.

ABSTRACT: Jose Arbex Junior is journalist and writer. PhD in Social History from the University of Sao Paulo (USP), is also a professor of journalism at the Catholic University Pontifícia (PUCSP), and special editor of the magazine publisher *Dear Friends* of Casa Amarela. Among its major bibliographic contributions in the field of communication, we can cite the work *Showrnlismo - The news as spectacle* (2001), where he examines how the media, in the contemporary world, turns everything into show: the elections, to natural

¹ Mestrando em Comunicação Midiática pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), linha de pesquisa Mídia e Identidades Contemporâneas. Endereço: Avenida Roraima, 1000 – Prédio 21, Sala 5130 – Campus/ UFSM. Cep: 97105-900. Santa Maria/ RS. Telefone: (55) 3220.8579. Email: vjrsanti@yahoo.com.br

disasters; of scandals and stories of the daily heinous crimes. Also, the book *The Canalha Journalism* (2003), in which Arbex Jr shows some concrete examples of doubtful relations between media and power, such as the journalistic coverage of the invasion of Iraq by the United States. This interview has been granted during the *Camp I Binational of the World Social Forum (ABFSM)*, an event held from 24 to January 29, 2006, in the extreme south of Brazil (in the bar of Chuí, with the motto Uruguay). In the event, Arbex Jr coordinated the discussion of thematic axis *Cultures and Communication*. After swimming in the rio Chuí, which divides the two countries, seated in the square for a food tasting *Milapanes* (Uruguayan sandwich), Arbex has presented its arguments about issues such as: the relationship between communication and power, the democratization of the media and education policy. This contribution remained unknown until now, but the issues involving communication, especially those related to the exercise of democracy real, have not lost their actuality, we share this pertinent and humorous dialogue.

KEYWORDS: Communication and democracy; Communication and power; Democratisation of the media; Education policy; Journalistic processes.

Vilso Jr Santi: Primeiro gostaria que você falasse da importância, ou não, de espaços de discussão como o *I Acampamento Binacional do Fórum Social Mundial (ABFSM)*.

José Arbex Jr: Eu acho que eventos como esse não têm nenhuma importância, não vão contribuir com nada, para fazer coisa nenhuma. E, na verdade, só servem para estimular o turismo regional!

Vilso Jr Santi: Então, o que seria importante na sua visão? Como mudar isso?

José Arbex Jr: (*Risos... muitos risos*). Ficou vermelho! Eventos como esses são muito importantes. Não tanto pelo encontro em si, porque o fórum mesmo não muda nada, ele não tem poder executivo, não tem poder de mudar nada! Mas, acho que ele propicia um encontro entre pessoas, organizações e militantes. Gente que está envolvida com a luta e que, a partir desse encontro, pode amadurecer perspectivas, gerar novos processos e ter mais clareza da situação, pois existe uma integração maior entre as pessoas aqui que, de outra forma, permaneceriam isoladas. Então eu acho fundamental!

Vilso Jr Santi: De certa forma o pessoal tem reforçado a idéia de que a sociedade civil organizada, quando se encontra, é quem tem o potencial de mudar a realidade e tentar

construir um mundo melhor. Isso pode indicar uma descrença com os Governos e com o Estado? Com essa estrutura que, em princípio, teria o papel mais direto no trabalho dessa mudança?

José Arbex Jr: Essa questão é muito complicada! Porque, por um lado, ela coloca corretamente a idéia de que se as pessoas, as organizações e os movimentos sociais não se mobilizarem, ninguém vai fazer isso por eles. Isso eu acho uma coisa interessante! Por outro lado, nós não podemos esquecer que o Estado ainda é a sede do poder. O Estado detém o monopólio da violência armada, que são as forças armadas, a polícia etc.; o Estado fornece a base jurídica sobre a qual a sociedade se estrutura; o Estado ainda é o interlocutor diante de outros Estados, no que se refere à definição de soberania nacional, proteção do território etc. E a humanidade está muito longe de ter superado isso! Basta ver o que os Estados Unidos fizeram: invadiram o Iraque para garantir o seu suprimento do petróleo! Então, quer dizer, não dá para falar sério de soberania nacional, de igualdade social e em luta por uma sociedade mais justa, sem falar na questão do Estado e, portanto, na questão do poder. Tanto que acho uma basbaquice obras que, por exemplo, postulam que é possível mudar de vida sem tomar o poder. Isso é uma estupidez com a qual eu não concordo de forma nenhuma! Então, a questão do poder, ela continua sendo uma questão central. Portanto, acho que nós corremos o risco de que, com esse espírito de que a sociedade civil organizada vai resolver tudo, a gente acabe perdendo de vista o fato de que existe luta de classes e que não vai haver transformação no mundo sem a tomada do poder. É impossível! Dessa forma, acho interessante a idéia da mobilização, desde que ela seja focada numa perspectiva concreta de luta de classes.

Vilso Jr Santi: E a questão Arbex – ela é sobre o poder – do papel da comunicação nesse exercício de poder, nessa organização do poder? Qual tua avaliação nesse sentido?

José Arbex Jr: A comunicação hoje é o centro da questão do poder, no sentido de que ela é o espaço onde se dá a disputa pela hegemonia. Toda disputa ideológica, hoje, dá-se por intermédio dos meios de comunicação. Então, se nós estamos dizendo que precisamos disputar o poder, precisamos organizar a sociedade etc., isso remete diretamente para a

questão da democratização dos meios de comunicação. Não tem por onde sair! Agora, eu não acho que pode haver uma democracia real da comunicação sem haver mudanças no país. No mesmo sentido que eu não acho que vai haver reforma agrária real, sem mudanças no país. Porque, aqueles que detêm a propriedade da terra, também detêm a propriedade dos meios de comunicação! Nós temos uma elite há 500 anos no poder e é obvio que se essa elite não for derrotada, nós vamos continuar assim por outros 500 anos. O que nos temos que fazer é derrotar essa elite! Agora, como é que você vai derrotar uma elite que está há 500 anos no poder? Então, tem que haver uma transformação social, não tem jeito! Nós não podemos ter uma visão idealista de que é possível você democratizar a comunicação por meios pacíficos e parlamentares. Não estou dizendo que nós devemos abandonar a luta parlamentar. Isso seria um absurdo! Nem estou dizendo que se deve abandonar a idéia de que é impossível haver avanços institucionais. Claro que dá para ter! Mas, os limites fracos. E quais são os limites? Os limites impostos pelo estado.

Vilso Jr Santi: Quando a gente fala em democratização dos meios de comunicação, muitos dos debates centram-se na democratização do acesso aos meios. Isso quer dizer que, se você ampliar o acesso e distribuir mais canais você estará democratizando a comunicação? Ou isso é apenas um primeiro passo? Na sua avaliação, essa democratização dos meios de comunicação teria de passar pelo que necessariamente?

José Arbex Jr: Você levanta uma questão que é fundamental! É um absurdo cogitar que democratizar os meios é democratizar a recepção. Quer dizer: nós temos que garantir que as comunidades também tenham meios de produzir o seu conteúdo. Produzir, intercambiar e discutir. Sem isso não há democracia! Alias, isso aí é uma idéia muito antiga! Thomas Jefferson, um dos primeiros presidentes dos Estados Unidos, costumava dizer uma frase que os donos dos meios de comunicação gostam de citar apenas pela metade. A frase é a seguinte: se eu tiver que escolher governos sem jornais, ou jornais sem governos, sem dúvida nenhuma, eu escolheria jornais sem governo. A imprensa é necessária, com a condição – aí os padrões esquecem dessa segunda parte – de que todos possam, primeiro, ter acesso a tudo aquilo que é publicado; e, segundo, que possam entender aquilo que eles

estão recebendo. Isso eu estou falando em 1776. Ou seja, já naquela época estava claro que, sem dar condições para o povo exercer o poder de comunicação, não há democracia real.

Vilso Jr Santi: Aproveitando a agregação da tua fala: isso passaria necessariamente pela educação? Não necessariamente pela escola, mas...

José Arbex Jr: É, mas é preciso ter o cuidado com o seguinte: não vamos esquecer, por exemplo, que o fenômeno do nazismo aconteceu num país que, à época, tinha um dos níveis mais elevados de educação formal do mundo. Adolf Hitler surgiu na mesma cultura que produziu Johann Sebastian Bach, Friedrich Nietzsche, Ludwig van Beethoven etc. Então a pergunta é: qual é a garantia que você tem que não vai surgir um novo Hitler? É a educação? Não! Não é a educação nesse sentido formal. A educação aqui tem que ser uma outra educação – uma educação política. A educação política não é a educação na qual lhe dão um certificado no final do ano. Olha, você teve bom aproveitamento, então toma! A educação política é uma educação que passa principalmente pela interlocução entre as pessoas. Interlocução de pessoas com objetivos comuns – de preservar a coisa pública. Então, o próprio Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) tem um monte de exemplos de pessoas que não sabem ler um texto, mas dão aula de política. Porque são pessoas que, na prática, enfrentam a contradição com o estado burguês, sofrem repressão e participam da discussão. Aí há uma educação política e também uma educação humana, porque eles praticam a solidariedade! Essa educação sim proporciona consciência, que é uma consciência crítica.

Vilso Jr Santi: Alguma outra consideração Arbex?

José Arbex Jr: Eu quero que você dê um abraço para todos os teus amigos lutadores socais! (*Risos.... muitos risos*).

Vilso Jr Santi: Certo, pode deixar! Obrigado! (*Risos*).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARBEX JÚNIOR, José. **Showrnalismo - a notícia como espetáculo**. 2ed. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

ARBEX JÚNIOR, José. **O jornalismo canalha - a promíscua relação entre a mídia e o poder**. São Paulo: Casa Amarela, 2003.